

DISSERTAÇÃO

SOBRE

AS ANALOGIAS ENTRE O HOMEM SÃO E O ALIENADO

E EM PARTICULAR

SOBRE A MONOMANIA.

THESE

Que foi apresentada a' Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada em
6 de Dezembro de 1842,

por

Geraldo Franco de Leão,

NATURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

The pleasure we take in comparisons is just and natural. We may remark different sources whence it arises. First, from the pleasure which nature has annexed to that act of the mind by which we compare any two objects together, trace resemblances among those that are different, and difference among those that resemble each other; a pleasure, the final cause of which is, to prompt us to remark and observe, and thereby to make us advance in useful knowledge. (HUGH BLAIR.)



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua do Lavradio, N.º 53.

1842.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os SRS. DOCTORES :

1.º ANNO.

F. F. ALLEMÃO, *Examinador* { Botanica Medica, e principios elementares de
Zoologia.
F. DE P. CANDIDO Physica Medica.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM, *Examinador* { Chymica Medica, e principios elementares de
Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

J. M. NUNES GARCIA Physiologia.
J. M. NUNES GARCIA Anatomia geral e descriptiva.

4.º ANNO.

J. J. DE CARVALHO { Pharmacia, Materia Medica, especialmente a
Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.
J. J. DA SILVA Pathologia interna.
L. F. FERREIRA Pathologia externa.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO Operações, Anatomia topographica e Aparelhos.
F. J. XAVIER { Partos, Molestias de mulheres peçadas e paridas,
e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

J. M. DA C. JOBIM, *Presidente* Medicina Legal.
T. G. DÓS SANTOS Hygiene e Historia de Medicina.

M. DE V. PIMENTEL, *Examinador* Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.
M. F. P. DE CARVALHO Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. T. D'AQUINO } Secção das Sciencias accessorias.
A. F. MARTINS, *Examinador* }
J. B. DA ROSA } Secção Medica.
L. DE A. P. DA CUNHA }
D. M. DE A. AMERICANO } Secção Cirurgica.
L. DA C. FEIJO }

SECRETARIO.

DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

N. B. Em virtude de uma Resolução sua, a Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emitidas nas Theses, as quaes devem ser consideradas como proprias de seus autores.

DEDICADO

Á

MEMORIA

DA

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sra. Marquiza de Macejó,

DO

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Commendador José Alexandre Carneiro Leão,

DO

Ill.^{mo} Sr. Dr. Conselheiro Commendador Joaquim Francisco Vianna,

DO

Ill.^{mo} Sr. Luiz Carlos Martins Penna,

Como diminuto signal de respeito e gratidão.

E

Ao Ill.^{mo} Sr. Dr. Commendador José Martins da Cruz Jobim,

Como prova da mais profunda veneração, e de homenagem ao talento e sabedoria.

DISSERTAÇÃO

SOBRE

AS ANALOGIAS ENTRE O HOMEM SÃO E O ALIENADO

E EM PARTICULAR

SOBRE A MONOMANIA.

Os arcanos de Deos são terríveis
Quando dos homens a razão perturba.

POEMA DRAMATICO.

Entre as seitas philosophicas da antiguidade a que tinha por devise *nosce te ipsum*, a que inculcava esta maxima como o fundamento de todo o saber humano, encaminhava o homem, ao que parece, na sua vida publica e privada, pela vereda mais rasoavel e segura para chegar áquelle gráo de perfeição e felicidade, que lhe é permittido gosar n'este mundo precario e transitorio; porém o conhecimento de nós mesmos, ainda que tão proficuo e salutar, é cercado de tão numerosas difficuldades, o homem encerra em si um mundo tão complexo de phenomenos e maravilhas, que o seu estudo considerado debaixo de todos os pontos de vista de que é susceptivel, excederia muito a capacidade de um só individuo, donde resulta que aquelle preceito philosophico nunca se cumpriria á risca, se não tivesse uma restricção, que o bom senso insinúa, e as tendencias da época nos persuadem ser exacta. As faculdades intellectuaes e moraes fazião n'esses tempos remotos a base, e quasi que o objecto exclusivo dos estudos philosophicos, e postas assim de parte as maravilhas da nossa organização material, tanto em repouso como em exercicio regular e irregular, que vasto campo nos não offerece ainda á meditação, a existencia moral e intellectual do homem!....

E da mesma maneira que é impossivel ter-se um completo e proficuo conhecimento de qualquer machinismo de humana invenção, sem que o estudemos na sua marcha tanto regular e ordinaria, como irregular e extraordinaria, assim o estudo da intelligencia e faculdades affectivas do homem não poderá ser completo se não o considerarmos tanto no estado são e ordinario, como nos diferentes grãos de aberração que constituem as numerosas variedades da alienação mental. Para melhor as apreciarmos exponhamos succinctamente o que a philosophia actual tem estabelecido sobre as faculdades do homem: dividem-se ellas em intellectuaes e affectivas. N'aquellas comprehende-se, segundo Laromiguiere, em 1.º lugar a attenção que na opinião de Destutt Tracy, é antes uma propriedade das outras faculdades, isto é, a força maior ou menor que ellas apresentam no seu exercicio ordinario sendo a percepção no pensar d'este philosopho a 1.ª faculdade da intelligencia. Sem entrarmos na resolução d'esta duvida si com effeito a primeira faculdade intellectual do homem é a attenção ou a percepção, ou ainda segundo Condillac a sensação, ou segundo outros o que elles chamão faculdade intuitiva, só diremos que todos estes psychologistas talvez estivessem de acordo si bem se tivessem entendido sobre o valor dos termos de que se servem, não deixando nós com tudo de propender para a opinião de Tracy, que nos parece mais bem fundada. A segunda faculdade é a memoria; a terceira a comparação de que resulta o juizo; a quarta o raciocinio; e a quinta a imaginação. Quanto ás faculdades affectivas a que preside a vontade dividem-se ellas em desejo, preferencia e liberdade. Ora o exercicio d'estas faculdades apresenta em cada individuo grãos infinitos de força ou de fraqueza, de harmonia ou desharmonia, que até certo ponto permanecem no estado normal e ordinario da existencia intellectual e moral, ou constituem as diversas variedades da alienação mental sem que nos seja facil em muitos cazos determinar onde acaba o normal e sadio para começar o anormal e doentio. Certamente nos dois extremos de molestia e de saude o diagnostico será facillimo, mas não assim nos estados intermedios, e n'aquelles em que apesar da permanencia da razão ha tanta analogia e semelhança entre os dois estados, que si um pôde ser abrigado pelo privilegio de qualquer imputação moral, o outro não merecerá tanto odio e vingança, mas pelo menos alguma indulgencia e piedade.

A aberração das faculdades intellectuaes e affectivas do homem pôde ser tal, que elle se apresente ou em um estado de privação completa de ideias e sensações, ou em um exaltamento de algumas ou quasi todas as suas faculdades, e mesmo no exercicio regular e perfeito das intellectuaes com perturbações, sómente das affectivas, ou reciprocamente aberrações bem

manifestas das intellectuaes com pouca ou desproporcionada alteração das affectivas: com tudo, no estado de alienação será difficil encontrar-se esta ultima desproporção ao mesmo tempo que no estado physiologico será quasi impossivel que a perturbação das affectivas, ou por outra as paixões turvem completamente a razão, mas ellas de tal sorte a pervertem, que esta torna-se muitas vezes simples instrumento da justificação, e obtensão do objecto d'aquellas; quando por exemplo, a vaidade nos induz a cobiçar a celebridade pela invenção d'um systema, nós torcemos com pouco escrupulo os factos, e os raciocinios para servirem as nossas ideias primordiaes da mesma maneira que o musico pôde obrigar o poeta a modificar os seus pensamentos para que possuão os seus versos ir de acordo com a cadencia musical.

Esta influencia reciproca de uma ordem de faculdades sobre a outra pôde ser tão fraca que a razão dictando certa linha de conducta, o homem não tenha uma vontade assaz energica para cumpril-a, ou pelo contrario pôde a vontade impellir-nos a commetter um acto injusto altamente reprovado pela razão, a qual tendo até certo ponto poderio bastante para conter o homem, pôde logo depois cessar de o ter para deixal-o praticar automaticamente actos atrozes, que por sua mesma natureza vem a caracterisar varias especies de alienação mental, de que nos occuparemos por ultimo, denominadas monomanias. Estas considerações nos levão a referir de passagem as quatro variedades principaes de loucura hoje geralmente admittidas, que vem a ser o idiotismo, a demencia, a mania, e diversas especies de monomania. Esboçaremos rapidamente os seus caracteres ao mesmo tempo que examinaremos as suas analogias com o estado são.

IDIOTISMO.

O idiotismo é um estado *congenito*, dependente de uma organização a tal ponto monstruosa, que nem faculdades affectivas nem intellectuaes se podem desenvolver; n'este estado pôde o homem achar-se muito abaixo das creaturas brutas, e por uma gradação insensivel poderá em outras ir desaparecendo de maneira tal, que se não saiba onde collocar os individuos intermedios, que são considerados como mais ou menos imbecéis, e que entretanto vivem regularmente na sociedade; alguns d'estes são mesmo capazes de dar-se a officios mecanicos, com mais ou menos habilidade; mas não o são de muita força de attenção e comparação: outros terão grande memoria, mas a comparação e o raciocinio serão n'elles quasi nullos. Ha na sociedade individuos

que não passando por alienados, são com tudo considerados como atordoados, extravagantes, e que sendo estúpidos a certos respeitoz o não são sobre outros, alguns tem inclinações viciosas contrarias aos interesses proprios ou sociaes, dão-se como por instincto á embriaguez, ao roubo, ao erotismo, e depois de castigados são relapsos, julgados incorrigiveis, e na realidade elles o são porque não lhes é dado mudar a propria organização; outros são naturalmente credulos, incautos, tão lhanos e sinceros, que são victima de velhacos que os espreitão; outros pelo contrario, apesar de toda apparencia de estúpidez intellectual, tem um discernimento e vivacidade admiraveis para dirigirem os proprios interesses.

DEMENCIA.

A demencia é o prolapso ou completa decadencia da razão, que acompanha quasi sempre a decrepitude, ou é o modo funesto porque termina a epilepsia, e as especies de alienação mental não congenitas. Ella se representa momentaneamente com todos os seus traços depois do exaltamento de certas paixões violentas, quando seguidas de um estado em que os sentidos, as sensações, e a razão, se entorpecem e embotão; em um grão menor ella denuncia-se apenas por uma melancolia que torna o commercio dos velhos bem incommodo porque elles de tudo se aborrecem e reagem sobre os que os cercão, com uma injustiça quasi insupportavel.

MANIA.

É na mania que se denota o mais activo e completo desarranjo das faculdades intellectuaes; as mais fortes illusões e hallucinações do espirito, perturbações estas e desarranjos da imaginação que fazem reconhecer a grande analogia que ha entre o alienado e o homem são que sonha, de maneira que com razão se poderá dizer que o estado d'aquelle é como um sonho continuo, achando-se o homem acordado; estes individuos vem cousas que não existem, anjos, espiritos celestes, ouvem vozes, toques de musica, representações theatraes, sentem cheiros deliciosos, ou importunos, sem que haja corpo algum que produza sobre elles a menor impressão; tem prevenções injustas

e infundadas ordinariamente contra os seus melhores amigos e parentes; perdem as relações das couzas; e si na hallucinação lhes é figurado um phantasma que os persegue, alirão-se em fuga por toda a parte, sem verem os precipicios; ha tambem n'elles exuberancia de ideias com uma volubilidade incrível, que denuncia-se por uma loquacidade continua, seguida ás vezes de prostração, e um estado como demente; uma actividade nos movimentos e na conducta, como se tivessem de preencher importantes encargos, elles escrevem, tornão a escrever como se tivessem continua correspondencia com o mundo inteiro. Depois de alguma calma lá vem momentos em que as maiores paixões parecem fazer erupção na sua cabeça volcanica; o odio, a colera, a vingança se apresentam como symptomas ardentes que constituem o delirio furioso.

N'esta especie de alienação mental podem-se admittir tres grãos, um primeiro a que Pinel denomina Mania racionante, no qual o individuo raciona bem, conversa, e escreve, mas por um contraste singular quebra e rasga a cama, a roupa e tudo que encontra, procurando sempre uma razão plausivel para justificar a sua conducta. N'este estado elle poderá mostrar-se convencido ou não de que obra mal, e no primeiro caso alegrará que um impulso irresistivel o leva a commetter taes actos; e não é um factó de observação frequente que se encontrão na sociedade individuos dotados de bastante instrucção e de uma grande força apparente de razão, mas sem aquelle criterio necessario para bem dirigirem as suas acções, a sua conducta tanto na vida publica, como privada, elles são, como diz Salustio de Catilina: *satís eloquentiæ, sapientiæ parum*, homens de muita eloquencia e bem pouco juizo. Supponha-se um paiz onde o homem seja avaliado não pelo que realmente é, mas como o papagaio pelo muito que falla, á que serie de males não poderá levar os povos um bom racionador d'estes, se conseguir dominal-os e dirigir os seus destinos! O inverso se poderá tambem observar na sociedade; homens que parecem incapazes de combinar algumas ideias, dotados de um discernimento, d'uma honestidade e regularidade admiraveis na sua conducta; o que ainda que não sirva de exemplo para fazermos com Chrichton o elogio da ignorancia, porque certamente na grande maioria dos cazos é ella a mãe dos vicios e da devassidão, mostra contudo que o juizo é bem distincto do saber, e que na escolha alternativa dos dois dotes antes quereremos aquelle sem este, do que este sem aquelle. Em um segundo grão da mania ha agitação e perturbações de espirito, mas não tanto que se não possa fixar a attenção do doente, obter-se respostas justas, com racionios sensatos, por curto espaço, e que por pouco que se prolongue, começão logo a degenerar em uma divagação sem fim com ditos incoherentes, risos, contos, arrojos e furores. Em um

terceiro e ultimo grão ha excitação muito viva das faculdades intellectuaes, ideias rapidas, falsas, incoherentes, impossibilidade absoluta de fixar a attenção sobre qualquer objecto ou distrahir-o d'aquelle, que a occupa, illusões e hallucinações poderosas, disposição a gritar, a esbravejar e enfurecer-se. N'este estado ou o homem sabe difficilmente da sua posição quando se não pôde distrahir-lhe a attenção, ou mudando e divagando continuamente sem motivo, ou por qualquer contrariedade, ou á mais simples pergunta elle grita, canta, chora, salta, corre, esquece-se das suas precisões, não tem fome nem sêde, nem somno, nem frio, nem calor.

Ordinariamente o maniaco furioso ameaça, dá, e commette toda a sorte de violencias.

O seu delirio parece-se com a colera do homem são, com a differença porém de ser a desordem maior e mais continuada. Ha tambem maior incoherencia de ideias, e taes ellipses entre ellas ou nas palavras, que será difficil preencher-as. Ha uma mistura inextricavel de todos os sentimentos e de todas as paixões, ou pelo menos de muitas a um tempo. Esta cólera tem demais a differença de dirigir-se sobre cousas ou pessoas as mais innocentes e inoffensivas, quando a do homem rasoavel tem sempre uma relação ou um fundamento na maior ou menor excitação occasionada pelo objecto que a produz. Semelhante exuberancia de furor tem a sua origem em um estado afflictivo, doentio, nas illusões e hallucinações que forçao o alienado a pôr-se em continua hostilidade contra as pessoas ou cousas que se lhe representam, como tendo intenções ou praticando actos nocivos á sua existencia, ou seus proprios interesses; está pois em jogo a mesma mola que a produz no estado de saude, o amor-proprio offendido, com a differença de que a offensa tem por unica origem o estado doentio da imaginação; quando na cólera do homem são a mesma faculdade se pôde tambem perturbar; porém o excitamento é mais ou menos real: e si por uma organização nimiamente irritavel, ou por uma educação viciosa, ella se reproduz por muitas vezes, poderá occasionar tão fortes illusões e hallucinações como quazi na propria alienação mental, ou finalmente vir a ser causa predisponente e occasionavel do seu completo desenvolvimento.

Aqui temos pois um ponto de contacto, uma analogia tal entre um estado do homem ainda são e o alienado, que algumas vezes elles se pôdem confundir, e por aqui reconheçamos quanto é salutar e judicioso aquelle preceito de um dos sete sabios da Grecia, Periandro de Corintho, que nos deixou como lembrança do seu saber, e uma mostra de benevolencia para com seus semelhantes, aquelle seu ditto celebre, *iram compesce*, repremi a vossa cólera.

Nada apresenta com effeito tão notavel analogia com a alienação como a cólera do homem, que se deixa por ella dominar, e é por ella levado quazi irresistivelmente a milhares de excessos irreflectidos, que trazem depois tantos embaraços e desgostos na vida ordinaria.

MONOMANIA.

Quanto ás illusões e hallucinações que parecem constituir o fundamento principal do delirio na alienação mental, e d'algum modo formar a base das differentes monomanias, nós vamos achar no estado de saúde analogias com ellas tão singulares, que á primeira vista parecem incriveis. Si no trato social o homem rasoavel não se engana sobre as pessoas senão d'um modo passageiro; pelo contrario sobre as suas intenções e os caracteres de seus actos muitas vezes nos illudimos, e isto d'uma maneira tão seria e permanente, como acontece na alienação mental; sejam embora as paixões que obscurecem os sentidos e a razão, o facto é que muitas vezes na sociedade ficamos surprehendido da maneira extravagante por que alguns homens, aliás no uzo completo da razão, interpretão com toda a sinceridade os actos os mais simples e innocentes dos outros homens, ou as medidas as mais proficuas e saltares do ministerio publico, elles tudo exagerão como acontece na hypocondria declarada, em a qual se creião dores, indisposições, molestias que na realidade não existem; e ha taes illusões d'essa natureza tão manifestas, habituaes e irresistiveis, que o mesmo vulgo as classifica como loucuras; exemplo celebre entre outros seja Rousseau, que transformava em seus inimigos pessoas que, pelo contrario, muito presarião a sua amisade, mas que têmão o enorme crime de rir-se algumas vezes da sua imaginação escaldada. A que funestos procedimentos não poderá ser levado um exagerador d'estes, quando não seja reprimido pelo temor!

Quanto ás hallucinações, nós temos d'ellas um exemplo admiravel no estado de saúde durante o somno, e mesmo emquanto acordados; quantas vezes nos não parece ouvir um som ou uma voz que nos falla, sentir um cheiro que não existe, &c., e então consideramos semelhantes hallucinações como falsas percepções, ou as temos em conta de sensações realmente externas, que procuraremos explicar de uma maneira mais ou menos rasoavel, e segundo as quaes dirigiremos as nossas acções. Esquirol cita um exemplo assás notavel de hallucinação sem a menor perturbação da razão; e se é verdade o que se diz de Pascal, que depois d'um accidente que lhe succedeo

ao pé de uma das pontes de Pariz; de tempos em tempos parecia-lhe ver abrir-se a seus lados um abysmo de fogo que o queria engolir; si, digo, o facto é verdadeiro, aqui temos uma hallucinação isolada e passageira que em nada alterava a intelligencia poderosa d'aquelle celebre philosopho. Mas uma nova questão bem importante e delicada se nos apresenta agora: si é certo que hallucinações isoladas e passageiras podem existir sem perturbação da razão, existirão igualmente hallucinações chronicas mais ou menos continuas, consideradas pelo hallucinado como sensações verdadeiras, e com tudo compatíveis com o estado de razão mais ou menos completo, e que permitta ao individuo não só continuar a viver regularmente com seus semelhantes, mas mesmo apresentar na sua conducta e no regimen de seus interesses toda a exacção e criterio necessarios?... Parece á primeira vista que não, mas os factos ali estão que nos parecem dizer que sim. N'estes casos o hallucinado, apesar de considerar como verdadeiras as suas percepções falsas, estará em duvida sobre a sua causa, e sobre a conformidade de sua natureza com a das suas outras sensações; elle as considera como uma ordem de percepções insolitas, que elle despreza, e que nada influem sobre a sua conducta uma vez que não versem sobre objectos essencialmente motores de alguma acção. Suppõhamos agora um individuo com semelhantes hallucinações apparecendo em tempos supersticiosos, ou entre povos que accreditem como cousa facil e commum uma communicação directa com a divindade, com agentes preter-naturaes, elles virão a ponto de persuadir-se mesmo de que gosão na realidade d'esse privilegio, porque taes serão as tendencias da superstição e ignorancia no seu tempo e paiz; quando entre um povo illustrado e pouco credulo ou elle se conterà interpretand'o, como dissemos, as suas hallucinações, ou si as quizer empregar para fins religiosos, será tido por alienado e como tal despresado, ou si tiver más tendencias, encerrado em uma casa de doidos para bem da publica segurança. Como explicaremos nós de outra maneira essa multidão de inspirados, que apparecerão nos tempos de superstição e ignorancia, que a historia répresentá como tão sinceros nas suas revelações, e que tinham todas as apparencias da mais regular razão, ou mesmo um criterio e discernimento extraordinarios!...

Podend'o a alienação mental tomar o character da alegria ou o da tristeza, e consistir em um ou outro destes dous estados oppostos, vemos aqui mesmo a analogia que ella apresenta com o estado racional, no qual pôde igualmente predominar um ou outro daquelles diversos caracteres, que constituem o fundamento das duas seitas philosophicas conhecidas pelo nome de seus celebres chefes, Heráclito e Democrito; e ainda que a alegria, expressão natural

do bom estado do homem, seja a mais ordinaria companheira da saude, não é ella sempre exclusiva de graves alterações morbidas, nem estas companheiras constantes da tristeza.

Porém esta que mais frequentemente se observa na alienação mental, é ás vezes tão decisiva e constante nas monomanias que mereceu dos pathologistas modernos a denominação particular de *lypomania*. E a respeito deste caracter da alienação mental, nós vamos encontrar uma nova e interessante analogia entre o mesmo, o alienado e o homem do mais nobre e completo desenvolvimento da razão.

Já Aristoteles notou que a maior parte dos homens, que se distinguem nas sciencias ou nas bellas letras, na philosophia ou no governo dos estados, tem uma tendencia inevitavel á melancolia. Este factó, confirmado pela experiencia dos seculos, tira a sua explicação dos mesmos dotes de que a natureza dota esses homens extraordinarios, uma excessiva capacidade de sentir, uma refinada delicadeza de percepção, que constituem o fundamento do seu character; e quanto maior for a sua excentricidade intellectual, mais propensos naturalmente os veremos á tristeza e melancolia. Sigão-se os passos do homem de genio pelo caminho que o destino lhe marca: ver-se-ha com que ardor e esperanza se atira elle ao estudo e á applicação; porém quanto mais elevada fór a sua alma, quanto mais activo fór seu coração, e mais superior o seu espirito, tambem mais se affligirá contra aquelle circulo de opposições e miserias de que logo o cercam as preoccupações vulgares; a usança, a inveja e toda a vil cohorte das paixões humanas. N'esta grande e perpetua luta do que é, com o que entende que devia ser, elle, não só enxerga, como tambem por vezes exagera a inutilidade de seus esforços. Então abate-se-lhe o espirito, elle cahe promptamente em *misanthropy*, e já não vê, já não espera se não desgraças e desordens. Assim se explica a realidade d'um axiomo de Hippocrates, que a diminuição da alegria é uma consequencia moral e inevitavel do aperfeiçoamento da razão e da excitação, que este mesmo aperfeiçoamento traz ao systema nervoso. Demo-nos ao trabalho de examinar a biographia dos maiores sabios, poetas, artistas, estadistas, e veremos que a maior parte d'elles confirmão o que dizemos; e que maior analogia com a alienação mental, do que um estado que pelos seus progressos vai directamente cahir n'elle ou n'esse *tedium vitae*, que a tantos tem condusido a attentarem contra os seus proprios dias? O sabio Haller vio-se atormentado por terrores religiosos, julgando-se destinado ao fogo eterno por cauza, dizia elle, da fealdade da sua alma. O celebre Priestley que descobriu o oxigeno, cahiu em accessos de uma terrivel melancolia. O famoso Swift, o Rabelais da Inglaterra, como lhe chama Voltaire, acabou seus dias depois de oito annos de um estado completo de alienação mental.

Swammerdam abandonou repentinamente a historia natural, e queimou o resultado de mais de vinte annos de trabalho sobre os animaes e insectos, dizendo que era um sacrilegio revelar os segredos de Deos. Seria grande o catalogo dos homens celebres dados com grande attenção aos estudos, que ou cahiram em melancolia, ou em completa loucura, o que prova não que o mesmo aperfeiçoamento e força da razão tenha com este estado a menor semelhança, seria isto um absurdo, mas que estes individuos adquirem uma tal excitabilidade cerebral, que mais tarde ou mais cedo lá vão percutir o orgão do pensamento e suas dependencias, as affecções chronicas que a idade ou mesmo seu modo de vida não deixão de produzir.

Finalmente ha no homem certa faculdade ou sentimento imitativo, que por um contraste singular assim como é origem de virtudes, tambem o é de actos irreflectidos, que tem com a loucura a mais singular analogia; por esta faculdade communica o mestre a seu discipulo o seu gesto e maneiras, as suas opiniões e qualidades, de tal sorte, que na muzica v. g., professores habeis reconhecem á primeira vista, pela maneira de cantar ou tocar, quem foi o mestre daquelle que estão ouvindo. Esta faculdade da origem ao talento admiravel de certos individuos que chegão a representar não só as acções de uma personagem, os seus caracteres, gestos, maneiras e inflexões da voz, como *ad libitum* a expressão dos sentimentos da alegria, da dôr, do furor e de todas as paixões humanas; é por esta faculdade que o riso, a dôr, o choro se nos communica sem sabermos como nem porque; que igualmente se transmitem certas molestias como a epelepsia, as convulsões, a melancolia, e até a mesma dôr que nos obriga á contorções involuntarias diante de quem soffre, soffrendo nós assim pela dôr alheia, o que moralmente dá origem a sympathias philantropicas que nos levão a ter dó do miseravel e a esforçarmo-nos por aliviar seus soffrimentos. Por esta mesma faculdade milhares de homens e mulheres erão levados no mez de Maio em Schwaben na Allemanha, ao templo de S. Guido, afim de praticarem gestos e movimentos os mais ridiculos e extraordinarios, e no Languedoc certos protestantes acarretando consigo immensa gente, chegarão a produzir scenas publicas nimiamente extravagantes e perniciosas, a que só os rigores de uma policia severa foi capaz de pôr limites. E é por esta mesma tendencia imitativa, que a maior parte dos homens partilhão os sentimentos bons ou máos das pessoas com quem vivem, defendem com furor o seu partido, e são capazes de ser levados aos actos os mais deploraveis, a exporem a sua vida, a tirarem-na a seus semelhantes, ou a concorrerem para estrondosas catastrophes sem saberem o porque nem para que; são os cavalleiros da idade media que morrião por uma bella que não tinham visto; e tal é muitas vezes a força d'esta tendencia imitativa, que

tem toda analogia com a alienação mental, a qual sempre se irrita com a contrariedade nas discussões e só cede pelo medo; segundo o testemunho de Pinel, se procurarmos contrariar-os, ou dissuadir-os de seu intento, se quizermos convencel-os com palavras dos seus erros, elles mais e mais se irritão, e resistem; porém embora estejam no maior estado de furor, ameaçando a todos com um punhal, uma arma de fogo, appareção inesperadamente alguns homens de baionetas enristadas sobre elles, immediatamente largão a arma dando-se por vencidos, e allegando quasi sempre uma razão futil pela qual cederão. Eis o quadro que se offerece e repete muitas vezes nas commoções politicas. Pobre humanidade! Quanto é digna de compaixão e piedade da parte d'aquelles que a Providencia collocou a testa dos seus destinos! E quanta coragem, resolução e paciencia, não é tambem necessaria da parte d'estes para curarem os seus desvarios.



HYPOCRATIS APHORISMI.

I.

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experimentum periculosum, iudicium difficile. Oportet autem non modò se ipsum exhibere, quæ oportet facientem, sed etiam ægrum, et presentes, et externa. (Sect. 1.^a Aph. 1.^o)

II.

Mutationes anni temporum maximè pariunt morbos: et in ipsis temporibus mutationes magnæ, tum frigoris, tum caloris, et cætera ratione et eodem modo. (Sect. 5.^a Aph. 1.^o)

III.

In omni morbo mente valere, et bene se habere ad ea, quæ offeruntur, bonum est: contrarium verò, malum. (Sect. 2.^a Aph. 33.^o)

IV.

Acutorum morborum non omninò tutæ sunt prædictiones, neque mortis, neque sanitatis. (Sect. 3.^a Aph. 19.^o)

V.

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisitè optima. (Sect. 1.^a Aph. 8.^o)

VI.

Lassitudines spontè abortæ, morbos denuntiant. (Sect. 2.^a Aph. 5.^o)

Homo constat mente et corpore unitis.

(*Boerhaave, institutiones medicae*, §. 26.)

7.

The brevity, or length, of the pulse, is a sign of the quantity of blood in the vessels. A short pulse is seen in the beginning of the disease, and in the advanced stage, when the patient is near the end of his life. (Sec. 2. Aph. 1.)

16.

It is not necessary to examine the pulse in every case, but only when the patient is in a doubtful state, or when the disease is in its progress. (Sec. 2. Aph. 1.)

Esta These está conforme com os Estatutos. Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1842.

Dr. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

17.

The pulse is not to be examined in every case, but only when the patient is in a doubtful state, or when the disease is in its progress. (Sec. 2. Aph. 1.)

18.

The pulse is not to be examined in every case, but only when the patient is in a doubtful state, or when the disease is in its progress. (Sec. 2. Aph. 1.)

19.

The pulse is not to be examined in every case, but only when the patient is in a doubtful state, or when the disease is in its progress. (Sec. 2. Aph. 1.)

It is not necessary to examine the pulse in every case, but only when the patient is in a doubtful state, or when the disease is in its progress. (Sec. 2. Aph. 1.)

(Sec. 2. Aph. 1.)